

LUÍS CRUZ

«FOGO E CHAMAS»

GALERIA NOVO SÉCULO

OUTUBRO DE 1987

Sentir o olhar

por JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE

SÃO esculturas em ardósia de Valongo. Acompanha-as um pequeno texto de carácter estóico sobre a brevidade do acontecer no mundo e também nos estados da alma. Não sei se essas máximas morais vindas de uma parede de Pompeia para o catálogo de Luís Cruz nos virão facilitar o olhar sobre as suas esculturas: «Nada é eterno, e por mais que o sol brilhe, necessariamente mergulhará no mar. [...] No entanto, se um dia, sob o efeito da cólera, a eleita do teu coração lança fogo e chamas, permanece estóico; à tempestade, sucederá em breve o doce zéfiro.»

«O fogo e (as) chamas» deram título a este conjunto escultórico e vindos de Pompeia trazem com eles a fácil fissuridade da ardósia e o cimento das cinzas vulcânicas, a que poderá crescer, na sua composição, o quartzo, a grafite, a mica branca, o rútilo, a turmalina e os óxidos de ferro.

Talvez que nas ardósias de Valongo não estejam presentes todos estes elementos ou a eles acresça ou lhes falte, ainda, a esfena ou o epidoto. Mas a «moleza» destas rochas transporta uma qualidade relativa à cor negra e à coloração dos seus brilhos que se estende às mãos que percorram a rugosa superfície — embora às vezes quase lisa — com uma intenção explicativa.

Carregadas estão estas esculturas de um grau que contradiz a sua própria brandura. Reparem que começo a colocar outros termos no lugar da qualificação que usei como o oposto a «dureza». Reparem que se segue, necessariamente à brandura da ardósia, a languidez estóica e a volúpia. Reparem como, muitas vezes, aquele que faz a arte sabe acertar com os climas de similitude de uma epígrafe e como esta nos pode conduzir na construção de um edifício em que conta a relação dos sentidos e a proporção dos julgamentos. Que sempre se dividem em falsos e ilusórios.

Estes, os ilusórios, estão mais perto da arte; ou serão os falsos que melhor nos dão a medida da sua feitura?

E o escultor? Para quem os objectos criados estão carregados de uma razão ultrapassando a dupla aparência e que, portanto, não se sujeitam ao defeito da procura de uma solução verdadeira; pois os (seus) objectos (criados) são o que a evidência das suas mãos deixa escapar. E o escultor?

Luís Cruz trabalha com ardósia. Ergue corpos esguios, o que resta do fogo e das chamas. De resto os trabalhos apresentados conseguem, por vezes, a intensidade da madeira (não sei porque vou dizer coberta de pez), carbonizada. Erguem-se estas esculturas do fogo e das chamas e deixam escapar, de uma ainda sólida base, rápidas esquadrias, erguidos rectângulos sob a imediata luz do negro. Aqui parece ter persistido uma porta, mais além um complexo equilíbrio sustentado por (ou que sustém) um frágil triângulo. E no chão uma longa figura trapezoidal parece querer negar a direcção perpendicular desta «arquitectura». A evidência das mãos permanece na procura de uma justa situação.

As vezes penso (e que me desculpem a pessoalidade), que a escultura é uma arte que trabalha, ou melhor, que sabe trabalhar com um clima de antecipação: a escultura encontra, no seu feitor, as determinações de um futuro próximo. Antecipa-se como recordação (e nisto há muito de vertiginoso), de um tempo, de um espaço cujo aparecer reside fora e que, igualmente fora, irá encontrar a expressão dos seus termos e imagens. Assim sucede porque a escultura tem um grau de primitividade, ou melhor, de ancestralidade só por si capaz de transformar toda a denominação da arte numa evidência.

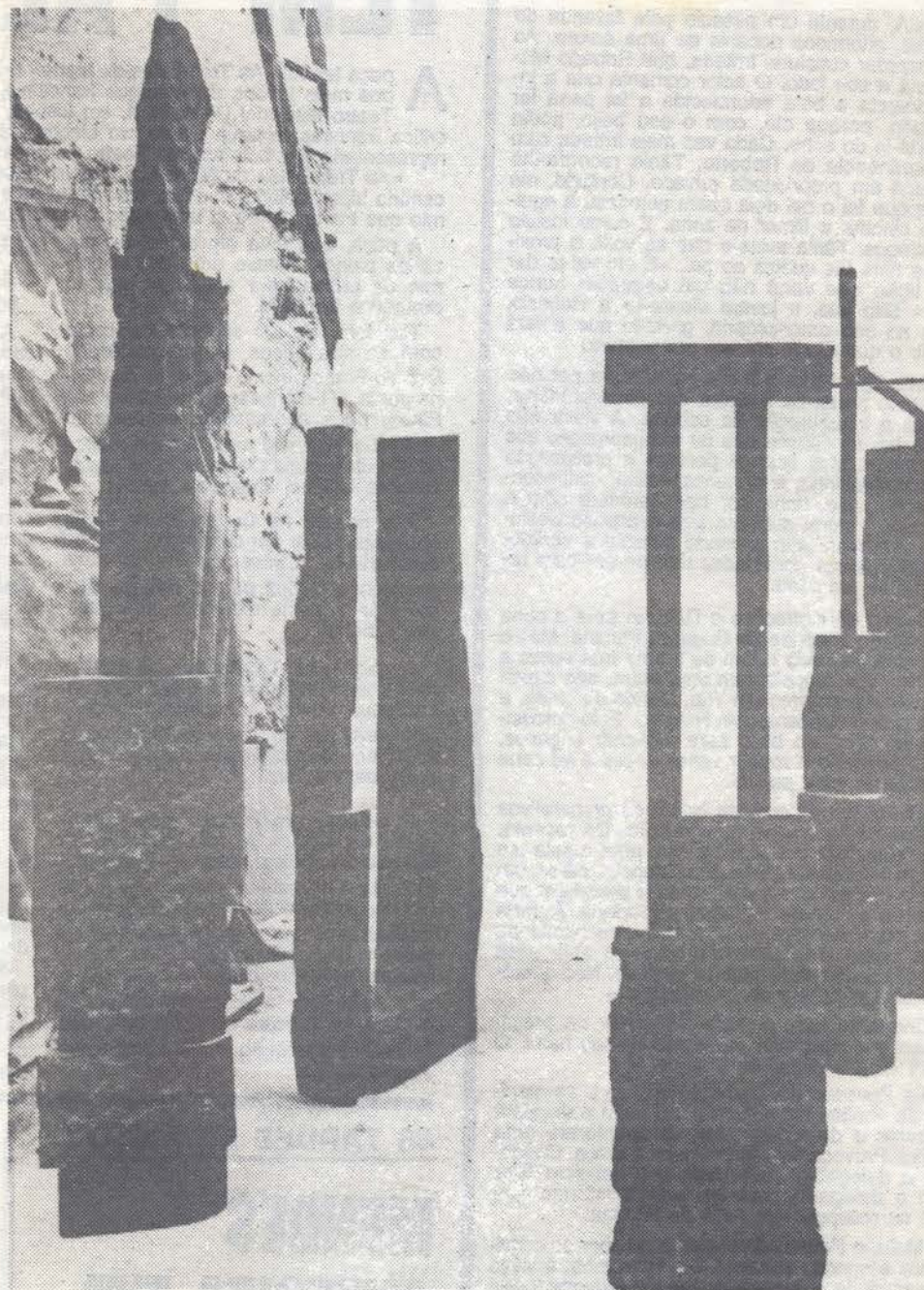
Para os estóicos e para os epicuristas, neoplatónicos para quem o tempo é o acidente dos acidentes, o devir é um puro transformar a um acompanhar do movimento. (Continuo a fazer notar que foi Luís Cruz quem me enviou para esta lateralidade do pensamento.) Mas os estóicos acaso nos falam do escultor? Acaso colocam o seu trabalho, acaso referem a tomada escultura? Da ardósia falam, enquanto falam de rochas: corpos que têm propriedades e que resultam de uma mistura de elementos; corpos que diferem, pela colocação dos seus átomos, em número e em figuras. Nestas figuras reside a passagem da ardósia à escultura, a sustentação da ardósia na escultura.

Empédocles, que foi mestre destes relativistas do mundo, da experiência e da moral, fala-nos de uma teoria do amante que os estóicos não recusam: «É preciso que a substância da pedra emane sem cessar um grande número de corpúsculos ou então um vapor activo que rarefaça pelos seus golpes todo o ar entreposto entre o ferro e o íman.» Teoria assim começada e que Lucrécio desenvolverá, podendo conduzir-nos a uma profunda relação entre o íman e a obra da natureza, entre o escultor e a ardósia: criação de uma geometria que se intensifica no espaço, não só através de um real sensível como, também, por meio de uma intuição capaz de erguer uma representatividade visual, táctil e motora.

Equilíbrio, brandura, volúpia são qualidades que podem ser permitidas pela ardósia. Qualidades que constroem uma experiência perceptiva e que nos fazem erguer pequenas teorias do olhar sobre corpos — que são esculturas —, e que se situam num espaço geométrico de simultânea mudança e permanência.

A permanência é o que vai escapar a estóicos, epicuristas, a Lucrécio e, inicialmente ao divino Empédocles. A permanência reside nas cinzas vulcânicas e na sua ligação representativa ao quartzo, à turmalina, ao rútilo; numa palavra, a esta necessidade que pertencendo ao sensível é interpretação de um conhecimento do mundo e dos propósitos expressos pela (arbitrária) arte.

«Do teu coração lança fogo e chamas»: eis o que está presente no corpo da escultura, sujeito que percorre uma multitude de trajetórias circulares. E porque se quer uma explicação única de cada elemento lançado, tal como nos afirma o pórtico do catálogo («A lua também desaparece; ainda agora resplandecia no firmamento»), os criados espaços escultóricos são



Esculturas de Luís Cruz, na Galeria Novo Século

percorridos pela marcha regular de inverosímeis histórias.

O negro das ardósias de Luís Cruz, as faces polidas e os agrestes volumes que sustentam a luz têm na natureza da escultura o seu termo

temporal e resistem ao ardor do fogo e ao risco da acção. Esculturas, ardósias que escrevem o contrário da desordem e que estão prestes a evocar, suspensas no tempo, a melhor frase de uma carta de Epicuro a Meneceu.